

# ATUAÇÃO DO POLICIAL NO COMBATE À VIOLÊNCIA ESCOLAR

SANTANA, Edna Miranda Ugolini - UCB  
[ednaugolini@gmail.com](mailto:ednaugolini@gmail.com)

SANTANA, Levy Aniceto - UCB  
[levysantana@gmail.com](mailto:levysantana@gmail.com)

LIMA, Diogo Acioli - UCB  
[diogoacioli@hotmail.com](mailto:diogoacioli@hotmail.com)

Área Temática: Formação de Professores.  
Agência Financiadora: UNESCO - UCB.

## Resumo

A violência tem afligido as escolas em todo o mundo e no Brasil, com maior frequência nas escolas públicas. Trata-se de um problema educacional social que requer o envolvimento do governo, da comunidade escolar e de toda a sociedade para solucioná-lo. Apoiando o trabalho do Ministério Público, a Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade da Universidade Católica de Brasília (UCB) tem realizado pesquisas sobre a temática nas escolas públicas do Distrito Federal que inclui a presença do policial na escola como uma possibilidade de resgate da segurança e melhoria da convivência no ambiente escolar. Porém, há relatos de insatisfação com a atuação policial e, ao contrário do esperado, sua presença em certos casos parece transmitir maior insegurança e discriminação aos alunos. Partindo desse possível desencontro, este estudo descreve a atuação do policial no combate à violência escolar no Distrito Federal na ótica dos diretores das escolas e dos próprios policiais. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com quatro diretores e sete policiais militares que atuam em escolas da rede pública localizadas em três Regiões Administrativas do Distrito Federal. Os diretores e os próprios policiais foram unânimes ao afirmar que a presença do policial na escola é importante para o combate à violência, principalmente quando há um relacionamento de amizade e confiança entre os policiais, a direção da escola, os alunos e os seus respectivos pais. Observou-se que o policial se assimilou ao ambiente educativo participando das práticas pedagógicas. Sugere-se que sejam desenvolvidas políticas públicas com objetivo de criar seminários e projetos para envolver ainda mais o policial e a família nas atividades escolares e, desse modo, melhorar o relacionamento entre o policial e a comunidade escolar e desse modo, reduzir o problema da violência escolar.

**Palavras-chave:** Policial; Diretor; Violência Escolar; Escolas Públicas.

## Introdução

A violência escolar, segundo Abramovay e Rua (2004), pode ser considerada como toda ação praticada, isolada ou em grupo, dentro de instituições de ensino ou nos arredores, com envolvimento de alunos e, algumas vezes, diretores, professores e

funcionários da escola. Diante da condição de violência que aflige as escolas brasileiras, os alunos manifestam sua insegurança.

Sposito (2001) relata que a violência nas escolas vem aumentando consideravelmente nos últimos anos com mais frequência nas escolas públicas. Waiselfisz (2002) enfatiza que esse aumento se destaca mais entre os jovens, como agressores ou vítimas, com idade entre 15 e 24 anos e um estudo realizado pelo mesmo autor em 2007, aponta o Distrito Federal em 10º lugar na lista dos 200 municípios com mais homicídios entre jovens relatando que somente em 2006, 303 jovens dessa faixa etária foram vítimas de violência com arma de fogo no Distrito Federal (WAISELFISZ, 2007).

Para Araújo (2001), o medo de frequentar a escola afeta os alunos e interfere no aprendizado porque muitos deixam de comparecer às escolas, pois não é mais sinônimo de segurança. Charlot (2002, p. 433) enfatiza esse problema citando que “a escola não se apresenta mais como um lugar protegido, até mesmo sagrado, mas como um espaço aberto às agressões vindas de fora” e também descreve três possíveis formas de manifestação da violência na escola: A primeira refere-se à invasão de pessoas na escola para brigar com alguém que está dentro, e deste modo, a violência invade os portões da escola; a segunda está ligada diretamente às depredações do patrimônio da escola e agressões aos professores e a terceira está relacionada à violência entre os alunos, como vítimas ou agressores.

Segundo Camacho (2000), as brigas na escola ocorrem geralmente nos pátios, corredores e nas calçadas e estão ficando cada vez mais frequentes. Araújo (2001, p.152) confirma que as brigas acontecem para amedrontar colegas e professores, mostrando domínio de território, de modo que o “direito de ir e vir” dos jovens deixa de existir.

Zaluar (2002) reforça que é obrigação do governo oferecer segurança à população, não importando a escolha sexual, a religião, a cor, o poder aquisitivo e, muito menos, a escolaridade. Entretanto, a responsabilidade de resolver o problema da violência escolar fica também a cargo do diretor, pois é ele quem conduz a escola e por isso sofre cobranças por soluções da comunidade escolar e também ameaças de alunos.

Gomes (2005) enfatiza que os alunos de poder aquisitivo baixo são marcados com frequência por experiências de fracasso e da não aceitação pelos colegas. Conseqüentemente, a participação desses alunos nas atividades escolares e culturais fica comprometida, pois essa rejeição interfere no aprendizado e na integração com a escola,

retornando assim essa raiva, muitas vezes, na forma de rebeldia contra a escola e seus dirigentes.

Abramovay e Rua (2004, p. 234) relatam que os diretores estão sofrendo ameaças e alguns são agredidos principalmente por alunos que receberam “punições mais severas, como suspensões e expulsões”. Desse modo, o ambiente de intimidação é constante e freqüente não somente aos diretores, mas também para os professores e funcionários da escola.

Segundo Arroyo (2007), os antigos métodos disciplinares aplicados por diretores a determinados alunos “ditos violentos” como as advertências, penalidades e até expulsões podem reproduzir revoltas com atitudes ainda mais violentas. Conseqüentemente, muitos deles ao retornarem às escolas poderão transformá-las em locais propícios à violência, pois acharão que podem se vingarem. Preocupados com a segurança de todos na escola, muitos diretores estão negando matricular alunos que tenham esse “histórico escolar”.

Abramovay e cols. (2004, p. 94) afirmam que alguns diretores precisam demonstrar “preocupação em criar condições de participação de toda a comunidade escolar no planejamento de ações” que coíbem a violência, pois somente com essa parceria eles poderão ter êxito.

A falta de segurança e o aumento da violência preocupam todos componentes da escola, independente das funções que desempenham. Por isso, Ruotti, Alves e Cubas (2006) destacam a importância da presença do policial nas escolas como uma possibilidade de resgate da segurança. Entretanto, além do trabalho do diretor e do policial no combate e prevenção da violência, Zaluar (2002) reforça que é necessária a cooperação da comunidade escolar, pois somente com essa participação conjunta, a escola obterá avanços contra a violência.

Para Porto (2004), a sociedade está acostumada a ver o policial trabalhando nas ruas executando as funções específicas como prender ladrões e lidar com pessoas perigosas. Em outro momento, esses policiais vão para as escolas fazerem outro tipo de atividade, cuidar da segurança dos alunos, professores, diretores, funcionários e da comunidade escolar. Portanto, para que o policial pertença a esse novo ambiente é necessária uma mudança no comportamento e costumes de forma física, social e psicológica, que não seja forçada e sim espontânea.

Essa mudança de comportamento pode ser explicada, segundo Mannheim (1971), pelo conceito sociológico à assimilação, adaptação necessária aos novos padrões

de comportamento no qual a pessoa tende de se ajustar para ser aceito e útil, quando uma pessoa voluntariamente se ajusta a um novo ambiente mudando suas atitudes para poder ter uma função mais condizente nesse novo ambiente social.

Segundo Prestes Motta e Alcadipani (1999) as situações de conflito disciplinares na escola têm sido resolvidas por meio de conversa usando a “cordialidade” e a “camaradagem” para não acarretar prejuízo social e moral ao aluno que deveria receber a devida punição. Esse fenômeno, chamado de “jeitinho”, é uma forma pessoal de resolver problemas individuais sem aplicar a lei, mas que produz resultados positivos e difere-se da malandragem, das desigualdades e das diferenças porque, nesse caso, não acarreta prejuízos.

Preocupada com o aumento da violência nas escolas, a Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF) começou em 1988 a formar policiais para compor o Batalhão Escolar, objetivando o ingresso desses policiais nas escolas. Em novembro de 1989, por meio do Decreto nº 11.958 foi criado o Batalhão Escolar, com a função de “coibir e reprimir” algumas situações de violência nas escolas e oferecer maior tranquilidade e segurança à comunidade escolar, garantindo segurança às crianças e jovens nas escolas. Além disso, tem sido oferecidos cursos e capacitações para esses policiais com objetivo de prepará-los a fim de que possam executar suas atividades nas escolas com eficiência (PMDF, 2008).

A partir de 2004 o Ministério Público do Distrito Federal e Territórios implementou o Projeto Segurança Escolar nas escolas da rede pública do Distrito Federal objetivando criar condições para a promoção da segurança escolar, com a formação de Conselhos de Segurança Escolar, compostos por diretores, professores, funcionários da escola, alunos e seus pais ou responsáveis (BRASIL, 2004).

Com o propósito de colaborar na luta contra a violência nas escolas, a Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade da Universidade Católica de Brasília (UCB) elaborou um projeto de pesquisa envolvendo alunos dos cursos de Pedagogia, Psicologia, Direito, Políticas Sociais e Mestrado em Educação com a intenção de avaliar o Projeto Segurança Escolar nas escolas da rede pública do Distrito Federal, incluindo a participação do policial e suas implicações.

Alguns autores como Abramovay e Rua (2004) e Ruotti, Alves e Cubas (2006) enfatizam que a atuação do policial na escola é positiva e satisfatória, entretanto, esses mesmos autores e também Porto (2004) relatam que a atuação do policial pode ser negativa e insatisfatória, pois representa uma ameaça à segurança da escola devido ao

fato de alguns alunos sentirem-se incomodados com a presença do policial. Também descrevem que os policiais são brutos e ignorantes, sem trato com os alunos, são inassíduos, fazem “vistas grossas” para certos acontecimentos e por isso não transmitem segurança aos alunos.

Há, portanto, controvérsias na literatura sobre a atuação do policial na escola e devido à relevância desse tema, este artigo buscou analisar as experiências de algumas escolas públicas que contam com o policial na escola, por meio de entrevistas com os diretores e os policiais.

## **Metodologia**

Este trabalho de caráter descritivo e exploratório faz parte de uma pesquisa maior intitulada “Avaliação do Projeto Segurança Escolar, do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios”, tendo como participantes quatro diretores e sete policiais militares que atuam em escolas da rede pública localizadas em três Regiões Administrativas do Distrito Federal, fora do Plano Piloto. Essas escolas foram escolhidas por apresentarem alto nível de violência escolar e risco à segurança dos alunos, motivos pelo quais as mesmas possuem policiamento.

A coleta de informações foi realizada entre abril e junho de 2008 por meio de entrevistas semi-estruturadas gravadas em áudio com prévia autorização e o livre consentimento dos participantes. Um roteiro de entrevista semi-estruturada foi elaborado para os diretores e policiais enfocando a atuação do policial na escola. As gravações foram transcritas, codificadas, categorizadas e analisadas seguindo as normas estabelecidas por Bardin (2004).

## **Resultados**

Serão analisados os depoimentos dos diretores e dos policiais sobre a atuação do policial na escola e seu relacionamento com o diretor, alunos e comunidade escolar, classificados em cinco tópicos principais.

### ***Função do policial na escola***

Os diretores mencionaram que a função dos policiais na escola é de resguardar, proteger e oferecer segurança contra as gangues, aos alunos e a escola, além de apoiar à

direção sempre que solicitado “... na escola a função é de dar apoio”. Todos os diretores afirmaram que os policiais os auxiliam, oferecem um atendimento diferenciado às escolas e estão preparados para atender as exigências da escola, não atrapalhando nas atividades da mesma:

O nosso policial aqui faz esse atendimento, sabe e orienta (...) Tem que ser sério, calmo, conhecer os limites, ter discernimento e maturidade (...) O trabalho dele é diferente de um policial da rua porque ele lida com adolescente, com os funcionários da escola. Estão preparados para atender os alunos. **Diretores A, B, C e D.**

Quando os policiais das mesmas escolas foram questionados sobre sua atuação, informaram que realizam as tarefas seguindo as orientações obtidas durante os treinamentos na corporação, incorporando-as às atividades da escola, desenvolvendo assim um trabalho diferenciado:

Se eu tivesse em outro Batalhão não saberia como tratar os adolescentes porque a proposta do Batalhão Escolar é diferente (...) Temos palestras internas para aprendermos como trabalhar com adolescentes e a comunidade escolar (...) Temos uma função diferente de policiais porque nosso tratamento com a comunidade escolar é diferenciado. **Policiais A, B, C, D e G.**

Os policiais foram unânimes ao responderem que orientam os alunos, ajudam a manter a ordem e proteger a escola. Em uma das falas fica implícito que a responsabilidade da segurança da escola está a cargo somente do policial, “... ajudo a manter a ordem, a segurança no local, porque sinto responsável pela segurança da escola” e sempre atento aos perigos que circundam as escolas “... sempre lutando e combatendo para melhorar o clima na escola (...) eliminando e afastando os perigos e trazendo tranquilidade à escola”.

Outro ponto destacado nas falas dos policiais refere-se à “dupla” função que eles exercem no ambiente escolar. Além de transmitir segurança, estes policiais estão fazendo o papel de educadores, haja vista que orientam, explicam e aconselham os alunos e também os diretores. Há, portanto, uma inversão de papéis, pois os policiais deixam as ruas para atuarem nas escolas como cooperadores na educação:

O policial na escola tem o papel de educador, não só educador na formação, mas aquele que orienta, aconselha, explica para o aluno que aquilo que está fazendo é errado (...) não é muito diferente das qualidades de um professor.  
**Policiais C, D, E e G.**

Essa nova função do policial como cooperador na educação dos alunos encontra-se nas suas falas ao relatarem que importam com os alunos e querem ajudá-los nos problemas junto às suas famílias “... pede até para chamar a família. Às vezes o policial chega até mim, *oh, esse estava brigando, quando for convocar a família eu gostaria de estar presente*, então convoco a família e ele também”.

### ***A influência da presença do policial na escola***

Os diretores entrevistados descreveram que a presença do policial é importante e bem-vinda e que, às vezes, afasta estranhos da porta da escola. Desse modo, a escola se torna um local mais seguro aos alunos “... a presença deles inibe, impõe respeito (...) a escola, fica bem mais tranqüila quando o policial está aqui”. Portanto, fica claro nas falas dos diretores a total dependência pelos policiais na promoção da paz na escola.

Em algumas escolas, o policial faz exclusivamente o seu trabalho proporcionando segurança a todos, enquanto que em outras escolas, além desse trabalho, ele auxilia a direção fornecendo sugestões aos projetos pedagógicos e também participando de atividades físicas junto com os alunos. Essas afirmações estão presentes nas falas dos diretores como “... muitas vezes o policial faz interferência até na área pedagógica e eu acho ótimo” e também na fala de um policial “nessa escola aqui eu ministro um futebol com determinados alunos, às vezes muitos deles deixavam de ir para a rua para vir praticar o futebol”.

Quando perguntamos aos policiais se eles acham importante sua presença na escola, eles responderam que, muitas vezes, inibe a aglomeração e permanência de pessoas estranhas no portão da escola e, desta forma, certificamos que os policiais sabem da sua importância na escola e que sua presença traz segurança para todos, “... a presença do policial na escola inibe certos elementos na porta da escola (...) ele impõe segurança (...) ajuda na segurança da escola”.

### ***Relacionamento com o diretor***

Os diretores disseram que o policial é um reforço que eles podem contar sempre, dando suporte, muita ajuda e que existe uma relação de amizade entre eles:

É um reforço que eu tenho aqui. Caso aconteça algo na escola, a primeira pessoa que tenho para pedir socorro são os policiais (...) quando tem algum problema eu posso conversar com os policiais, eles me dão suporte e abertura (...) os policiais estão sempre conversando comigo. **Diretores A, B, C e D.**

Os policiais ajudam os diretores somente quando são solicitados. Em determinadas situações, como agir em ocorrências, eles estão mais qualificados para tais abordagens “... nos casos graves, eles dão orientações, me instrui se vai ou não conduzir o aluno pra Delegacia da Criança e do Adolescente e o que fazer ou não com o aluno (...) ele sempre traz primeiro o aluno para direção”.

Outro ponto enfatizado pelos diretores foi com relação à diminuição da violência na escola e em seus arredores devido à chegada dos policiais “... a violência diminuiu bastante depois que eles chegaram”.

A questão do limite de atuação do policial na escola foi citada pelo diretor ao retratar que seu policial não entra na escola e nem nas dependências a não ser quando convidado “... eles entram lá, dão uma volta, mas eles não entram na escola se eu não pedir”.

Os policiais afirmaram que mantêm um bom relacionamento com os diretores e que, quando solicitados, apresentam sugestões de como proceder em determinadas situações de conflito “... a nossa orientação ajuda a resolver os problemas no âmbito escolar (...) eu até acho que alguns diretores são até pais com os alunos”.

### ***Relacionamento com os alunos***

Os diretores informaram que percebem uma amizade entre os policiais e os alunos demonstrada principalmente pela familiaridade e diálogos frequentes. Além disso, descreveram que a maioria dos alunos respeita o policial na sua escola



Percebo que ele conhece e tem familiaridade com os alunos e com os namorados das meninas também (...) ele tem um excelente tratamento com os alunos (...) ele sabe mais da vida dos alunos do que a gente (...) O policial que está na minha escola, ele conhece os alunos tanto quanto eu ou muito mais do que eu (...) Eles falam muito com os alunos (...) O aluno vê o policial, trata normal, respeita e cumprimenta. **Diretores A, B, C e D.**

Perguntado aos policiais, eles informaram que procuram transmitir confiança aos alunos tornando-se, muitas vezes, confidentes “... os alunos querem uma pessoa para conversar. É uma carência afetiva tão grande. Só querem ser escutados. Eles chegam até mim, eu escuto e converso. A maioria aqui é assim”.

Devido ao vínculo de amizade entre o policial e o aluno, muitas vezes, ele acaba exercendo o papel de “conselheiro”, explicando o que é certo e errado para os alunos: “... muitos problemas nós resolvemos na conversa. Tendo diálogo com ele e muitos até agradecem a gente depois... *oh, eu agradeço muito aí me ajudou bastante*”. Em alguns casos, o aluno é tratado pelo policial como se fosse um dos membros da sua família. Isso mostra que o policial cria vínculo afetivo com os alunos. Esses momentos foram registrados nas falas dos policiais:

Sou respeitado e respeito a todos. Tenho muito carinho pelos alunos. Trato como se fossem meus filhos. Até ajudei levar um aluno um dia ao hospital porque desmaiou de fome (...) muitas vezes eles chegam até mim contando os problemas que tem em casa. Eles conversam comigo porque não sentem a vontade com as pessoas da escola. **Policiais B, C, D, F e G.**

### ***Relacionamento com a comunidade escolar***

Os diretores informaram perceber que a comunidade escolar tem um carinho especial pelos policiais, pois a presença deles na escola transmite segurança e tranquilidade aos pais e que chegam ao ponto de cobrar a ausência dos policiais quando não estão na frente da escola “... vários pais vieram me perguntar “*cadê o policial que estava ali fora*” (...) eles gostam e exigem a presença do policial e me cobram e querem saber o que fiz com os policiais”.

Outro ponto destacado pelos diretores refere-se à assistência solidária do policial escolar com a comunidade. Esse fato foi destacado no seguinte trecho da fala do diretor quando perguntado se ele já presenciou algum relacionamento mais próximo entre o policial e a comunidade:

Às vezes o morador do bairro não tem condições, não tem carro, nem telefone e se tem alguém na residência passando mal pede ajuda na escola “... *então policial, vamos até minha casa socorrer não sei o que*”, então ele vai. Chama o Bombeiro e, às vezes, coloca no seu próprio carro e leva ao hospital (...) ele ajuda porque sabe que é uma comunidade carente. Por isso, a comunidade tem respeito por ele. **Diretor B.**

Os policiais relataram fazer o melhor pela comunidade para garantir segurança aos filhos quando estão estudando e percebem que são aceitos na comunidade. Portanto, observa-se que a função do policial na escola sofreu adaptações e transformações diferenciando-se das funções de um policial de rua:

O pai quando vem deixar o filho no colégio e vê a gente aqui fala “... *ainda bem que tem um policial*”, graças a Deus, porque nem toda escola tem um policial (...) o pai sabe que ali o filho dele vai estar protegido (...) a gente sempre faz o que é melhor para a comunidade escolar. Está preocupado com a segurança, sempre conversando com os pais e com as pessoas. **Policiais D e E.**

O Quadro 1 sintetiza algumas respostas dos diretores e policiais referentes à colaboração do policial na escola e sobre a segurança escolar.

**Quadro 1: Síntese dos relatos dos diretores e policiais sobre as experiências da atuação do policial.**

<b>Tópicos abordados</b>	<b>Respostas dos Diretores</b>	<b>Respostas dos Policiais</b>
Função na escola	Resguardar, proteger e oferecer segurança contra as gangues, aos alunos e à escola. Dar apoio à direção sempre que solicitado.	Realizam as atividades e orientações adquiridas durante os treinamentos na corporação incorporando-as nas atividades da escola com objetivo de orientar e proteger a comunidade escolar.
Influência da presença na escola	A presença do policial é importante e bem-vinda e, muitas vezes, afasta pessoas estranhas na porta da escola, tornando a escola em um local mais seguro.	Muitas vezes só a presença deles inibe a aglomeração e permanência de estranhos na porta da escola.
Relacionamento com diretor	O policial é um reforço que podem contar sempre, dando suporte, muita ajuda e que cultivam uma amizade.	Muito bom, ajudam e aconselham a direção quando solicitados para resolver problemas referentes à indisciplina de determinados alunos.
Relacionamento com os alunos	Percebem amizade, confiança e respeito dos alunos com o policial.	Procuram transmitir confiança aos alunos tornando-se, muitas vezes, seus confidentes e tem amizade por todos os alunos.
Relacionamento com a comunidade escolar	Percebem que a comunidade escolar tem muito carinho pelo policial, pois a presença deles transmite segurança e tranquilidade aos pais quando seus filhos se encontram na escola.	Fazem o melhor pela comunidade escolar para garantir segurança aos filhos e percebem que são aceitos pela comunidade.

## Discussão

Ao analisar a função do policial na escola, Porto (2004) afirma que o policial de rua é visto pela sociedade como alguém que é violento e por isso, é esperado que eles respondam às expectativas e anseios dessa sociedade executando atividades exigidas de um policial de rua como abordar, revistar e prender pessoas que estejam desrespeitando a lei. Portanto, esse policial apresenta uma atuação mais grosseira, mais ríspida, pois estão lidando com marginais, na maioria, perigosos.

Entretanto, o policial que é alocado na escola, conforme mostraram nossos resultados, executa outras tarefas como aconselhamento, atividades pedagógicas tornando-se um “amigo” da escola e dos alunos. Essa mudança de função é explicada pelo conceito sociológico de assimilação de novos padrões de comportamento descrito por Mannheim (1971). Portanto, o policial se assimila ao ambiente educativo e se ajusta às atividades da escola fazendo parte agora desse ambiente como as outras pessoas.

O policial exerce influência positiva na escola, pois nossos resultados mostraram que tanto o diretor quanto o policial relataram que a presença do policial é importante na escola para o combate à violência. Esse resultado está de acordo com os descritos por Ruotti, Alves e Cubas (2006) ao afirmarem que a presença do policial na escola é necessária e que sua intervenção, principalmente nos momentos considerados mais tumultuados, como na hora do recreio, na saída e entrada dos alunos.

Segundo os descritos dos diretores, a presença do policial traz tranquilidade à escola e segurança aos alunos, e esses dados concordam com os descritos por Gomes (2005) e Freire (2008) quando enfocam que o clima escolar se torna agradável, propício à aprendizagem devido à presença do policial na escola, pois os alunos sentirão prazer de estar nela. Kafrouni (2007) afirma que a presença do policial apenas na entrada da escola já proporciona uma sensação de segurança e tranquilidade a todos.

Nunes Júnior (2001) ainda destaca que o “querer fazer” na escola está associado ao clima existente nela e se ele não estiver harmonioso não há como ter ânimo, vontade das pessoas em realizarem o seu trabalho. Portanto, percebe-se que a falta de segurança e de um bom clima na escola podem configurar entre as causas da má qualidade do ensino.

Com relação à amizade entre o policial e os alunos, os dados mostraram que é grande o vínculo afetivo entre os dois e que devido a essa convivência. Alguns policiais não aplicam as leis devidamente quando os alunos cometem algum delito procurando

conversar, fazendo que os alunos se arrependam sem aplicar as punições estabelecidas na lei. Essa atitude do policial em agir por emoção e não pela razão nessas situações é descrita por Prestes Motta e Alcadipani (1999) sendo o “jeitinho” peculiar de o brasileiro resolver os problemas com conversa e apelar assim para a consciência dos alunos. Quando o diretor e o policial usam o “jeitinho” para resolverem os problemas das desobediências dos alunos podem estar fazendo um grande benefício, pois uma vez aplicada o que a lei determina poderiam acarretar prejuízos morais, sociais e psicológicos aos alunos.

Nossos resultados mostraram que o policial mantém um relacionamento com a comunidade e os pais se sentem tranquilos quando os filhos estão na escola que possui policiamento. Esses relatos estão de acordo com os achados de Kafrouni (2007) quando descreveu que os pais de alunos se sentiam mais seguros com a presença do policial na escola sendo vistos pela comunidade com bons olhos.

Porto (2004) descreve que a comunidade vê na pessoa do policial o responsável para manter a lei, a ordem e a segurança na escola e por isso, ela cobra maior empenho do policial exigindo a presença na escola para garantir a tranquilidade, harmonia e segurança. Moon (2006) enfatiza a necessidade de uma parceria entre a comunidade e o policial para juntos poderem minimizar o problema dos crimes nos recintos escolares.

### **Considerações finais**

A violência tem estado presente também nas escolas e por isso, esse ambiente que era seguro está se tornando num local de conflitos com explosões de forças, domínios e rixas. Para que essas turbulências deixem de acontecer é preciso desenvolver métodos eficazes, para lidar com essa violência, por exemplo, uma atuação policial mais efetiva com qualidade e quantidade.

Por isso, baseados em relatos de experiências dos diretores e policiais sobre a atuação policial nas escolas pesquisadas, os possíveis indicadores relacionados à atuação do policial no combate à violência escolar, estão ligados a sua função na escola, ao seu relacionamento com o diretor, com os alunos e com a comunidade escolar.

Destacamos alguns pontos relevantes quanto à participação dos policiais no processo pedagógico da escola, pois percebemos que além da segurança nas escolas eles poderiam contribuir mais na elaboração e desenvolvimento de projetos educacionais voltados à segurança escolar.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; e RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2004.

ABRAMOVAY, Miriam e cols. **Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas**. Brasília: UNESCO, Ministério da Educação, 2004.

ARAÚJO, Carla. As marcas da violência na constituição da identidade de jovens da periferia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n.1, p. 141-160, jan./jun. 2001.

ARROYO, Miguel Gonzáles. Quando a violência infanto-juvenil indaga a pedagogia. **Educação & Sociedade**. Campinas, vol. 28, n. 100 – especial, p. 787-807, out. 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BRASIL, Ministério Público da União. Ministério Público do Distrito Federal e Territórios. Departamento de Modernização Administrativa. **Projeto Segurança Escolar**. Brasília: MPDFT, 2004 (fotocopiado).

CAMACHO, Luiza Yshiguro. **Violência e Indisciplina nas práticas escolares de adolescentes**. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação da USP.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 4, n. 8, p.432-443, jul./dez., 2002.

FREIRE, Isabel. **Violência nas escolas - que desafios educativos?** Disponível em: <[http://aaafpce.fpce.ul.pt/documentos/seminario\\_bullying/Comunicacao\\_Isabel\\_Freire.pdf](http://aaafpce.fpce.ul.pt/documentos/seminario_bullying/Comunicacao_Isabel_Freire.pdf)>. Acesso em: 08 ago. de 2008.

GOMES, Candido Alberto. A Escola de Qualidade para Todos: Abrindo as Camadas da Cebola. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação: revista da Fundação Cesgranrio**, Rio de Janeiro, v.13, n.48, p. 281-306, jul./set. 2005.

KAFROUNI, Maria Angélica Sant'Anna. **Escola, autoridade e indisciplina: um estudo de caso**. Curitiba, 2007. 96f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

MANNHEIM, Karl. **Sociologia Sistemática**. 2. ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1971.

MOON, Byongook. The influence of organizational socialization on police officers acceptance of community policing. **Policing: An International Journal of Police Strategies & Management**, n. 4, v. 29, p. 704-722, oct. 2006.

NUNES JÚNIOR, Antônio Carlos. **Tecnologia e segurança: a importância das novas tecnologias como fator estratégico de segurança nas unidades de ensino particulares**. Florianópolis, 2001. 73f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de

Produção - área de concentração: Mídia e Conhecimento - ênfase em Tecnologia Educacional) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, 2001.

POLÍCIA MILITAR DO DISTRITO FEDERAL. **PMDF - 6º BPM - Batalhão Escolar**. Disponível em: <<http://www.pmdf.df.gov.br/6bpm/?pag=historico>>. Acesso em: 08 ago. 2008.

PORTO, Maria Stela Grossi. Polícia e Violência: representações sociais de elites policiais do Distrito Federal. **Revista São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v. 18(1), p. 132-141, 2004.

PRESTES MOTTA, Fernando C.; e ALCADIPANI, Rafael. Jeitinho brasileiro, controle social e competição. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 6-12, jan./mar. 1999.

RUOTTI, Caren; ALVES, Renato; e CUBAS, Viviane de Oliveira. **Violência na escola: um guia para os pais e professores**. São Paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

SPOSITO, Marília Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**, USP - São Paulo, v.27, n.1, p. 87-103, jan./jun. 2001.

WAISELFISZ, Júlio Jacobo. **Mapa da violência III: os jovens do Brasil**. Brasília: UNESCO, 2002.

\_\_\_\_\_. **Relatório de Desenvolvimento Juvenil 2007**. Brasília: RITLA, Instituto Sangari, MCT, 2007.

ZALUAR, Alba. Oito Temas para debate Violência e Segurança Pública. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 38, p. 19-24, dez. 2002.